

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil

Class.: MYR 0001

Data: 09/02/74

Pg.: 07

Fazendeiros invadem terras de índios

Os índios da região ao Noroeste de Mato Grosso, principalmente os menku, continuam tendo as suas terras invadidas por fazendeiros ou posseiros da região, o que vem dificultando o trabalho dos padres da Missão Anchieta junto a pelo menos oito grupos de silvícolas.

Esta revelação foi feita ontem no Rio pelo missionário Egidio Schwade, pouco antes de ter realizado, juntamente com o seu colega padre Tomás de Aquino Lisboa, uma palestra para cerca de 50 jovens, na Igreja Nossa Senhora de Lourdes, em Vila Isabel.

Roubo da terra

Em sua denúncia, o secretário-executivo do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), padre Schwade, citou o fazendeiro Mauro Tenuta como "o principal responsável pela invasão dos territórios dos índios menku."

O invasor, segundo admite o missionário, pode estar se aproveitando da inexistência de uma decisão governamental acerca da reserva a ser atribuída aos índios menku, lembrando que desde 1971 há um processo na Funai solicitando a preservação da área.

No momento, a Missão Anchieta, realizada pelos padres jesuítas, tenta por todas as formas preservar o patrimônio e a cultura indígena dos Grupos Parecis, Nanbikuaras, Irantxe, Erigbaktga, Kayabi do rio dos Peixes (existem também os kayabi do Xingu, estes em contato com os irmãos Vilas Boas), Apiaca, Bacairi e Menku, com cerca de 2 mil silvícolas.

Algumas tribos, como a dos Nanbikuaras e Parecis, receberam "em troca de suas ótimas propriedades, as piores terras que se localizam no chapadão dos Parecis, ao Noroeste de Mato Grosso", recordou o missionário Egidio Schwade.

A linha de ação seguida pela Missão Anchieta "não procura converter o índio. A igreja aconselha e incentiva a preservação do que ele tem de bom, daí a preocupação de se integrar a ele."

— Para isto — acrescenta o missionário — é necessário conhecer o índio, sua cultura, religião, organização e trabalho; respeitar todos os valores indígenas; procurar evitar as formas de etnocentrismo, qual seja a de situar dentro de um contexto social como sendo inferior a cultura indígena, em relação às demais culturas.

Diz ainda o padre Schwade que a Missão Anchieta procura fazer a real promoção do índio, evitando todas as formas de paternalismo. Deve vir dele mesmo esta promoção.

— O índio deve defender sua terra como seu legítimo patrimônio, por uma questão de sobrevivência. Hoje ele está sendo estimulado nesse sentido — acentuou o secretário executivo do Cimi.

Como os recursos para demarcar suas terras são poucos, os índios valem-se de picadas ou clareiras abertas na mata. Algumas tribos, no entanto, já utilizam placas demarcadoras das áreas. Outra forma de demarcação é a realização sistemática de culturas dentro dos limites das propriedades pertencentes aos grupos indígenas.

Boas relações

As missões (católicas ou evangélicas) que mantêm trabalho junto às tribos indígenas têm, geralmente, boas relações com a Funai.

Relativamente à Missão Anchieta, o padre Egidio frisou que por sua linha de conduta — que é a mesma de outras missões — nem sempre se pode obedecer puramente as orientações da Funai.

— A Fundação Nacional do Índio — frisou — obedece a

política do desenvolvimento brasileiro, se situando aí a linha de conflito, pois as missões não defendem a rápida integração do índio à civilização, sob pena de perda de todos os seus valores culturais. Conta o missionário que a Funai não viu vitoriosa sua tese acerca da construção da BR-80, cujo projeto atravessa o Parque do Xingu, dando-se prioridade ao processo de desenvolvimento brasileiro.

Censo indígena

Há cerca de um ano e meio não existia qualquer tipo de coordenação entre as diferentes missões religiosas, o que já começa a ser feito, graças ao Cimi.

Estima-se hoje que a população indígena no Brasil se situe em torno dos 200 mil, dos quais 20 ou 30 mil não mantêm ainda qualquer contato com a civilização.

O Conselho Indigenista Missionário está iniciando o levantamento do número exato da população indígena brasileira, através de um censo nacional que mostrará o número das missões e de missionários atuantes. Este levantamento conta também com o apoio da Opan (Operação Anchieta), criada em 1969.

Cerca de 40 universitários e pessoas interessadas na causa indígena integram as fileiras da Opan e geralmente passam dois anos junto aos missionários que dão assistência a diferentes grupos de silvícolas.

Embora tenham sido convidados a fazer a palestra para um grupo de jovens da Matriz de Nossa Senhora de Lourdes, o padre Egidio revelou que "este contato pode servir também para despertar entre os moços a vontade de integrar a causa em favor dos índios, vindo futuramente a se filiarem à Opan."